

SEÇÃO: ARTIGOS

Saúde mental e pandemia: percepções de estudantes do bacharelado em Administração de um instituto federal

Renato Koch Colomby¹, Taíse Mattei², Francieli de Assunção³, Julice Salvagni⁴

RESUMO

As restrições impostas com a chegada de uma crise sanitária mundial, agravada por elementos do contexto brasileiro, modificaram a dinâmica das instituições de ensino e causaram prejuízos à comunidade acadêmica. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi analisar os efeitos da pandemia de covid-19 sobre a saúde mental dos estudantes do curso de graduação em Administração de um instituto federal brasileiro. Por meio de questionários on-line disponibilizados em 2020 e 2021, foram mapeados os impactos emocionais da pandemia de covid-19 nos respondentes. No caso dos estudantes pesquisados, os dados apontam a ocorrência de momentos de tristeza, medo e solidão, por exemplo. Esses aspectos reforçam a importância do contato presencial entre membros da comunidade acadêmica como parte constituinte do processo educativo. Além disso, destaca-se que intervenções psicológicas podem desempenhar papel relevante na forma de lidar com as implicações na saúde mental em decorrência de momentos como os tempos pandêmicos.

Palavras-chave: saúde mental; pandemia; covid-19; emoções; ensino superior.

Como citar este documento – ABNT

COLOMBY Renato Koch; MATTEI, Taíse; ASSUNÇÃO, Francieli de; SALVAGNI, Julice. Saúde mental e pandemia: percepções de estudantes do bacharelado em Administração de um instituto federal. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 12, e038416, p. 1-21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.38416>.

Recebido em: 07/04/2022
Aprovado em: 25/07/2022
Publicado em: 20/10/2022

¹ Instituto Federal do Paraná (IFPR), Palmas, PR, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5013-6913>. E-mail: renato.colomby@gmail.com

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Francisco Beltrão, PR, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3899-375X>. E-mail: taise_mattei_slo@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5434-1730>. E-mail: assuncao.francieli@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6334-0649>. E-mail: julicesalvagni@gmail.com

Salud mental y pandemia: percepciones de estudiantes de pregrado en Administración de un instituto federal

RESUMEN

Las restricciones impuestas con la llegada de una crisis sanitaria mundial, agravada por elementos del contexto brasileño, modificaron la dinámica de las instituciones educativas y las pérdidas fueron percibidas por la comunidad académica. En ese contexto, el objetivo de este estudio fue analizar los efectos de la pandemia de covid-19 en la salud mental de estudiantes de pregrado en Administración de Empresas de un instituto federal brasileño. A través de cuestionarios en línea disponibles en 2020 y 2021, se mapearon los impactos emocionales de la pandemia de covid-19 en los encuestados. En el caso de los estudiantes encuestados, los datos indican la ocurrencia de momentos de tristeza, miedo y soledad, por ejemplo. Estos aspectos refuerzan la importancia del contacto cara a cara entre los miembros de la comunidad académica como parte constitutiva del proceso educativo. Además, se destaca que las intervenciones psicológicas pueden jugar un papel relevante en el abordaje de las implicaciones en la salud mental resultante de momentos como los tiempos de pandemia.

Palabras clave: salud mental; pandemia; covid-19; emociones; enseñanza superior.

Mental health and pandemic: perceptions of undergraduate students in administration of a federal institute

ABSTRACT

The restrictions imposed with the arrival of a global health crisis and aggravated by elements of the Brazilian context modified the dynamics of educational institutions and losses were perceived by the academic community. In this context, the objective of this study was to analyze the effects of the covid-19 pandemic on the mental health of undergraduate students in Business Administration at a Brazilian federal institute. Through on-line questionnaires made available in 2020 and 2021, the emotional impacts of the covid-19 pandemic on respondents were mapped. In the case of the students surveyed, the data indicate the occurrence of moments of sadness, fear, and loneliness, for example. These aspects reinforce the importance of face-to-face contact between members of the academic community as a constituent part of the educational process. In addition, it is highlighted that psychological interventions can play a relevant role in dealing with the implications on mental health because of moments such as pandemic times.

Keywords: mental health; pandemic; covid-19; emotions; higher education.

INTRODUÇÃO

A OMS decretou situação de pandemia de covid-19 em meados de março (WU *et al.*, 2020). Desde a primeira notificação da doença no Brasil, em fevereiro de 2020, os casos foram se multiplicando, atingindo todas as regiões do país rapidamente. Decorridos mais de dois anos do início da pandemia, ainda é difícil mensurar com clareza os seus impactos sociais, econômicos, financeiros, psicológicos e emocionais. Neste cenário, a saúde física das pessoas passou a ser o foco da atenção de gestores e profissionais de saúde durante a pandemia. É possível que a saúde mental tenha ficado um pouco negligenciada nesse período, embora as instituições de ensino, no que tange às medidas de continuação do ensino, tenham tido grande preocupação com esses efeitos. Importa dizer que as implicações psicológicas e emocionais podem ser até mais duradouras do que a própria aquisição da doença (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Segundo Prates (2020, p. 1), a pandemia de covid-19 representa “a maior crise sanitária da Humanidade no período de capitalismo globalizado”. Para a mesma autora, os impactos dessa crise serão sentidos por muito tempo, dado ao acúmulo de mortes e agravos à saúde, o que se soma às refrações de uma economia em recuperação desde a crise de 2008. No caso do Brasil, Prates (2020, p.1) observa que “além da crise sanitária, [o país] vivencia uma crise econômica e política, sem precedentes”. Além disso, explica que tal contexto dá-se em um país historicamente marcado por longos períodos de colonialismo e ditaduras, que agora também sofre pelo desmonte de um inconcluso sistema de proteção.

Muitos desses elementos acabaram contribuindo para a redução do bem-estar emocional das pessoas após o início da pandemia. A doença era relativamente nova, não havia tratamento nem vacina disponível, e a população não sabia quando a situação poderia se normalizar. O medo da contaminação fez com que as pessoas se sentissem impotentes e incapazes frente a um vírus. As medidas para a contenção da pandemia criaram fatores de risco à saúde mental. O isolamento social, a suspensão ou a paralisação de muitas atividades produtivas gerou impactos negativos na economia e, conseqüentemente, na renda das famílias. A preocupação com a sobrevivência em meio a uma crise globalizada acentuou os problemas relacionados à saúde mental (GUNDIM *et al.*, 2021; RIBEIRO *et al.*, 2021).

Somando-se a isso, houve o fechamento de escolas e universidades, com posterior adesão ao ensino remoto para esses locais, e a ampla instauração da escala de teletrabalho nas empresas. A rotina e as relações familiares foram profundamente modificadas. Isso exacerbou ainda mais os sentimentos de estresse, ansiedade e angústia nas pessoas (DONIDA *et al.*, 2021). Embora esses sentimentos tenham sido compartilhados pela maioria das pessoas durante a pandemia, a saúde mental dos estudantes pode ter sido ainda mais afetada, devido à impossibilidade de aulas presenciais por um longo período e a falta de

contato direto com colegas e professores, prejudicando a assimilação do conteúdo. Depois da instauração do ensino remoto, o problema de continuidade dos calendários escolares foi em partes resolvido, pois não solucionou a falta de aprofundamento escolar, que pode ter sido ainda mais acentuada por condições insuficientes para o aprendizado de muitos alunos (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Nesse sentido, este trabalho buscou analisar os efeitos da pandemia de covid-19 sobre a saúde mental dos estudantes de um Instituto Federal no sul do país. Para tanto, foram mapeados os impactos emocionais da pandemia de covid-19 nos respondentes. Os dados foram obtidos em duas etapas por meio do envio de formulários eletrônicos: a primeira com um levantamento realizado com estudantes entre os meses de maio e junho de 2020, e a segunda com uma tentativa de atualização em dezembro de 2021. A partir das análises realizadas, ao final do artigo, também são sugeridas estratégias para amenizar os problemas encontrados. Desta forma, acredita-se que o trabalho apresentado tenha potencial de contribuir de forma acadêmica e gerencial no que se refere ao tema da saúde mental em espaços escolares.

AS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO SUPERIOR

No cenário posto pela pandemia de covid-19, “os alunos que passaram a ter aulas a distância vivenciam a ausência dos debates e das trocas de conhecimento e experienciam o esvaziamento de sentido daquele espaço de aprendizagem, que no formato virtual se tornou um mero local para a absorção de conteúdos” (SALVAGNI; WOJCICHOSKI; GUERIN, 2020, p. 01). Cabe destacar que foi (e está sendo) um período que demandou uma rápida resposta das instituições de ensino superior para a gestão de uma crise sanitária de larga proporção. Algumas instituições, especialmente as privadas, agiram de forma mais rápida, mas talvez, foram menos precisas para garantir um retorno das atividades de ensino no formato remoto. As instituições públicas, de modo geral, buscaram deliberações coletivas que asseguraram a maior abrangência possível das atividades propostas, mesmo que os trâmites para a implementação de um modelo remoto tenham sido mais morosos (SALVAGNI; WOJCICHOSKI; GUERIN, 2020).

De todo modo, a manutenção do espaço virtual como possibilidade de debate cabe à prática de cada professor, mas torna-se mais difícil de ser mantida devido às intercorrências tecnológicas, como problemas de rede e de aparelhos eletrônicos (SALVAGNI; WOJCICHOSKI; GUERIN, 2020, p. 09). Em outros casos, não foi possível que o aluno tivesse acesso a um ambiente silencioso para que pudesse dedicar atenção ao conteúdo que estava sendo ensinado. A todos esses aspectos, somam-se as implicações decorrentes da pandemia à saúde mental, que trouxe prejuízos importantes especialmente aos processos de aprendizagem. Ainda se destaca a ausência de aparelhos tecnológicos ou de acesso à

internet, que produziu a acentuação da exclusão das populações mais vulneráveis, que, muitas vezes, não conseguem se manter vinculadas a uma instituição de ensino.

Um estudo que indica o impacto da pandemia de covid-19 no ensino superior salientou que a ansiedade e a depressão, exacerbadas pelas incertezas e intensificação do fluxo de informações, cresceram amplamente (ARAÚJO *et al.*, 2020). Outra pesquisa, realizada com estudantes universitários portugueses, revelou que essa pandemia provocou “efeitos deletérios na saúde mental dos estudantes universitários, reforçando que importa continuar a investigar o tema, para que se possa perceber os mecanismos e reações psicológicas subjacentes a um período de vida tão atípico e desafiante” (MAIA; DIAS, 2020, p. 7). Essas implicações da pandemia à saúde mental dos sujeitos devem, portanto, ser estudadas levando em conta as suas imersões nas instituições de ensino, de modo que possibilite avaliar o papel dessas organizações em momentos específicos do percurso de ensino.

Somado aos nefastos efeitos da pandemia, o contexto de profundas desigualdades socioeconômicas históricas do Brasil fez com que o ensino remoto da educação superior no período da emergência internacional acentuasse um cenário de exclusão social. Nesse sentido, a falta de acesso de um equipamento adequado ou de uma conexão com a internet, para que os estudantes conseguissem acompanhar as aulas, produziu um processo excludente na maior parte das instituições de ensino superior, sendo “resultado direto de políticas públicas que, ao longo dos anos, ignoraram o fato de a conexão à internet ser item básico para o desenvolvimento estratégico da educação e o futuro digital do país” (IDEC, 2021, p. 3). Com isso, a pandemia trouxe a urgência de criar soluções pedagógicas sem que alunos e professores tivessem sistemática experiência anterior com atividades digitais.

Para além dos efeitos psicológicos já relatados em decorrência da pandemia em si, deve-se destacar os possíveis agravamentos da realidade dos alunos em contexto de vulnerabilidade socioeconômica, como é o caso do Brasil. Em um cenário de ensino exclusivamente remoto, dados de estudos que evidenciam a grande desigualdade não apenas no acesso à internet, como também nos tipos de dispositivos usados pelos estudantes (IDEC, 2021, p. 4), mostram-se absolutamente preocupantes. Essa realidade expõe as situações mais diversas que tem se alongado nos anos de 2020 e 2021, como o adiamento da perspectiva de conclusão de curso dos estudantes, até a perda de eventuais fontes de renda em decorrência da não continuidade do curso.

Em consonância com esses indicadores analisados, a pesquisa aponta que questões econômicas, práticas pedagógicas e temas sociais de complexidade, dentre outros, são “importantes dimensões da propensão à evasão na educação superior privada no período da pandemia” (CASAGRANDE, 2021, p. 65). Outro estudo sobre o ensino remoto na pandemia apontou que, para 59,7% dos professores, os alunos estão frequentando menos os espaços de ensino-aprendizagem on-line do que o presencial. Quanto aos recursos de acesso, 49,9%

dos alunos disseram que o celular é o aparelho mais utilizado durante as aulas. Dentre as dificuldades apresentadas por eles para acompanhar o conteúdo, 33,9% atribuíram problemas ao acesso à rede de internet (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020).

Para Carneiro *et al.* (2020, p. 15), esse período de isolamento e distanciamento social “é oportuno para formulação e efetivação de políticas de inclusão digital, de forma igualitária na sociedade brasileira”. Complementando a premissa dos autores, tal contexto de crise deve ser decisivo para apontar a necessidade de “implementação de políticas públicas no sentido de democratizar o acesso à internet de qualidade, procurando atender de maneira ampla todos os domicílios e localidades que não estão incluídas na era tecnológica” (CARNEIRO *et al.*, 2020, p. 15).

Em se tratando da condição do docente, enquanto trabalhador da educação, estudo revela indícios de que os “educadores se expõem a diversas situações e pressões das instituições, o que reverbera no adoecimento, principalmente relacionado à saúde mental” (SILVA *et al.*, 2020, p. 1). Tal aspecto tende a ter efeitos diretos na relação que esse profissional vai estabelecer com os seus alunos, podendo refletir, portanto, na forma como o processo de aprendizado será conduzido. Nesse sentido, o mesmo estudo sugere que:

Sejam criados espaços virtuais compostos de equipes multiprofissionais, para o atendimento aos docentes por meio de atividades de relaxamento, inclusive voltados para a saúde mental desses trabalhadores, para que eles possam dividir suas angústias e minimizar o turbilhão de sentimentos que permeia suas vidas no contexto da pandemia (SILVA *et al.*, 2020, p. 3).

Esse encaminhamento, contudo, pode ser lido de forma controversa. Em primeiro lugar, criar mais um compromisso que demande o tempo do docente, ainda que possa ser útil aos que estiverem ociosos na pandemia, pode significar sobrecarga de trabalho a outros tantos, que passaram a acumular ainda mais tarefas no período de isolamento, como o cuidado integral de idosos e crianças, por exemplo. No mais, ainda que espaços de escuta possam ser uma opção oferecida pelas instituições de ensino, as vivências dos que trabalham com educação têm mostrado que há questões práticas a serem resolvidas para fins de mitigar os efeitos do trabalho remoto. Garantir acesso a equipamentos de qualidade, oferecer suporte ao uso das ferramentas virtuais e flexibilizar prazos de avaliações, relatórios e produções intelectuais são exemplos de conduções que, por vezes, não foram concedidas às reclusões docentes.

O CONCEITO DE SAÚDE E A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES NOS TEMPOS ATUAIS

Os conceitos de saúde e saúde mental são complexos e influenciados pelos contextos sociopolíticos ao longo da história, bem como pela transformação e evolução das práticas em Saúde. Por muito tempo, esses foram termos específicos da medicina, porém, a

consolidação de um cuidado multidisciplinar em Saúde tem contribuído, gradualmente, para que diferentes áreas do conhecimento incorporem tais conceitos (GAINO *et al.*, 2018).

De acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), cunhada em 1947, “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade” (OMS, 1947, n.p.). Apesar de ser uma definição considerada inovadora para a época por incluir aspectos físicos, mentais e sociais, recebeu muitas críticas, principalmente, por propor um significado irreal e inatingível no que diz respeito ao “estado de completo bem-estar”, que está entrelaçado às limitações humanas e ambientais. Contudo, foram as discussões iniciadas a partir do conceito de saúde apresentado pela OMS que possibilitaram o surgimento de um novo paradigma: a saúde como produção social (GAINO *et al.*, 2018).

No contexto brasileiro, especialmente na 8ª Conferência Nacional de Saúde, de 1986, o conceito de saúde foi revisitado, sugerindo-se a inclusão de fatores como educação, trabalho, renda, dieta, situação de moradia e acesso a serviços de saúde (FERTONANI *et al.*, 2015). Dessa forma, pode-se considerar que a definição abarcava uma perspectiva mais complexa, considerando os princípios da universalidade, integralidade e equidade no cuidado à saúde. Contudo, mesmo com a reformulação do conceito, pode-se dizer que ainda existem abordagens conectadas à visão antiga de saúde (FERTONANI *et al.*, 2015).

Tais discussões sobre o conceito de saúde trazem implicações importantes ao conceito de saúde mental, que também não se trata apenas da ausência de transtornos mentais ou deficiências. Para a OMS, a saúde mental é “um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidianos, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade” (OMS, 2018, n.p.). Contudo, ainda que prevaleça, sobre o conceito de saúde mental, o discurso psiquiátrico que a entende como oposição à loucura, pode-se considerar que a reforma psiquiátrica brasileira expandiu o foco para além da doença, incluindo as perspectivas da cidadania e da inclusão social (AMARANTE, 2013; COSTA *et al.*, 2016).

Logo, o paradigma utilizado aqui para abarcar as discussões a respeito dos conceitos de saúde e saúde mental é o da produção social. Segundo essa concepção, a “saúde é mais complexa que as manifestações das doenças e inclui aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais” (GAINO *et al.*, 2018, p. 110). Esse olhar dialoga com a compreensão de Mendes (2007) que entende a saúde como a condição que um indivíduo (ou um grupo de indivíduos) apresenta em dado momento para satisfazer suas necessidades, concretizar suas aspirações e lidar com os imperativos ambientais. Isto é, para o autor, a saúde é tida como um recurso para a vida cotidiana e não como um objetivo de vida a ser alcançado. Em uma adaptação dessa perspectiva ao contexto da pesquisa, a saúde implica a relação entre os

recursos disponíveis (sociais, psicológicos, físicos e ambientais, por exemplo) com o desempenho de funções pessoais, tais como o ato de estudar.

Trazendo essa discussão aos tempos pandêmicos, desde março de 2020, as medidas de prevenção à covid-19 influenciam diretamente na saúde mental da população. Os sujeitos viram emergir sentimentos como tristeza, medo, raiva, ansiedade, além das inúmeras adaptações necessárias para a rotina de trabalho e para as atividades diárias. No contexto da educação, percebeu-se a exigência de reorganizações abruptas no que diz respeito à rotina acadêmica e ao método de aprendizagem (SUNDE, 2021).

As modificações inesperadas vivenciadas pelos estudantes incidiram uma série de preocupações a respeito da quebra da rotina acadêmica; do afastamento de amigos, colegas e professores; do acesso às aulas on-line; do desempenho acadêmico; da aquisição de conteúdo; da interrupção de aulas práticas e estágios curriculares; do adiamento de atividades e conseqüentemente do atraso no prosseguimento do curso e na data de formatura (GUNDIM *et al.*, 2021; MORALES; LOPEZ, 2020). Além disso, também é preciso considerar as preocupações a respeito dos desdobramentos dessas mudanças “nos planos do futuro profissional e na busca pela independência e estabilidade financeira, em alguns casos, baseada na expectativa de formação universitária” (GUNDIM *et al.*, 2021, p. 03).

Essas preocupações, em última medida, refletem o despreparo do sistema de ensino para lidar com as situações impostas pela pandemia de covid-19. A adoção do ensino remoto como estratégia de manutenção de carga horária universitária, por exemplo, não garante o acesso uniforme e equânime a todos os estudantes. A maioria dos alunos possui dificuldades de acesso às atividades remotas, principalmente, no que tange às condições sociais e econômicas, ao conhecimento tecnológico para o uso de ferramentas, ao acesso à internet e à própria motivação em participar das ações propostas (GUNDIM *et al.*, 2021). Nesse sentido, compreende-se que esse cenário de incertezas e adaptações abruptas – que, em alguns casos, não são possíveis de serem realizadas – causam alterações no estado emocional e psíquico dos estudantes.

Tais reflexões vão ao encontro de apontamentos de Sunde (2021), quando destaca que:

(...) As medidas de contenção não são os únicos fatores de risco que geram estado de estresse e ansiedade nos estudantes universitários. Alguns deles têm histórico psiquiátrico, vivem em ambiente familiar conturbado, com baixa renda, histórico escolar profissional frustrado, agravando-se, assim, com as medidas de isolamento (SUNDE, 2021. p. 35).

Logo, as questões que promovem ou que afetam a saúde mental estão lastreadas nos aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais, circundantes de cada sujeito. E a maneira como ele vivencia essa realidade é uma exclusividade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem da pesquisa é mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos, com preponderância dos primeiros, de caráter descritivo e explicativo (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) e partiu de uma necessidade dos professores do curso de Administração da instituição pesquisada para compreender os efeitos da pandemia de covid-19 na vida dos estudantes. A pesquisa foi multidimensional e o recorte aqui apresentado se refere ao constructo “Saúde Mental” que contava com 19 questões no questionário utilizado e foi denominado no instrumento como “Impactos emocionais da pandemia de covid-19”. Houve uma seção dedicada aos dados relativos ao perfil, ao termo de consentimento livre e esclarecido, assim como às questões direcionadas à compreensão de impactos econômicos e sociais na vida dos universitários.

Os dados foram obtidos em duas etapas por meio do envio de um questionário on-line construído a partir da plataforma Formulários Google e aplicado, via internet, por e-mail e redes sociais. A primeira etapa foi um levantamento realizado com os estudantes do curso de Administração entre os meses de maio e junho de 2020, totalizando uma amostra de 71 respondentes. Em um segundo momento, a pesquisa contou apenas com 21 respostas de alunos do mesmo curso de Administração, desta vez, coletadas em dezembro de 2021. No início da coleta, em levantamento informado pela coordenação de curso, estima-se que 128 alunos foram matriculados e destes, menos de 100 estavam frequentando as aulas regularmente. Na segunda coleta, o questionário foi enviado aos mesmos alunos da primeira. Porém não é possível afirmar que eles responderam, pois alguns podem ter respondido o primeiro, mas não o segundo e vice-versa. A ideia inicial era a atualização dos dados da primeira coleta, ou seja, verificar a situação após um ano de pandemia. Contudo, devido ao baixo retorno, os dados da segunda coleta serviram apenas para complementação, e as análises principais foram feitas com os dados da primeira amostra. Destaca-se também que, no período da primeira coleta de dados, a instituição estava sem aulas presenciais ou remotas e, durante o segundo período, encontrava-se com a maioria das aulas remotas e uma parte já em modo presencial.

A pesquisa é do tipo exploratória e não tem entre seus objetivos a generalização dos resultados encontrados (em uma amostra não probabilística). Os dados foram tabulados em planilha Excel, e as questões fechadas e abertas foram analisadas por estatística descritiva e pela análise de conteúdo, respectivamente. Ou seja, as análises quantitativas dos dados envolveram tratamento estatístico, e a análise de conteúdo orientou o cunho qualitativo. As duas abordagens são complementares, consideradas cientificamente válidas e amplamente utilizadas tanto no meio acadêmico quanto no meio científico (BARBETTA, 2008; BARDIN, 2009).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Entre os discentes com matrícula ativa no curso de Administração no ano de 2020, 71 participaram da pesquisa na primeira coleta. O perfil dos alunos revela que a maioria são jovens, brancos e solteiros. Grande parte mora com os pais em famílias de tamanho médio, mas com renda inferior a três salários mínimos. Os alunos do 1º (23%), 3º (28%) e 7º (18%) períodos foram os que mais participaram da pesquisa. Por sua vez, nenhum aluno do 5º período respondeu ao questionário. No momento dessa coleta de dados, os estudantes não estavam com matrícula ativa nos 2º, 4º, 6º e 8º períodos.

Dos 71 alunos respondentes, 68% estavam na faixa etária de 18 a 24 anos, 28% entre 25 e 35 anos, e 4% disseram ter entre 36 e 50 anos. A maioria deles (57,7%) eram do sexo feminino. Em relação à declaração de cor, 57,7% disseram ser brancos, 36,6% pardos, 2,8% negros e o restante não quis informar. Grande parte dos estudantes disseram ser solteiros (77,5%), 14,1% afirmaram ser casados, 2,8% separados ou divorciados e o restante informou outro estado civil.

Dos pesquisados, 1% afirmou ter renda inferior a um salário mínimo, 44% disseram que a renda total estava entre um e dois salários mínimos, 28% entre dois e três, 13% entre três e cinco salários mínimos, 10% entre cinco e sete salários mínimos, e o restante ou não informou ou ganhava acima de sete salários mínimos. Verificou-se que 73,24% da amostra estava em situação de renda inferior a três salários mínimos.

Mais de 53% (53,52%) dos alunos disseram que moravam com os pais e 28,17% que residiam com esposa(o), companheiro(a) e/ou com filhos. Dos respondentes, 25,35% viviam numa casa com duas pessoas, 23,9% com três pessoas, 32,4% com quatro pessoas, 7% afirmaram morar sozinhos, e apenas 11,3% disseram que a família era composta de cinco pessoas. A média ponderada de pessoas por família era de 3,1 pessoas. Das pessoas que informaram ter renda entre um e dois salários mínimos, 58% moravam em famílias de três a cinco pessoas. Em relação aos alunos que disseram ter renda familiar entre dois e três salários mínimos, 30% moravam com quatro ou mais pessoas na família.

Já com relação à segunda coleta, em 2021 (21 respostas), a maioria dos participantes era do 2º período (33%), seguido de alunos do 8º (29%) e 4º (19%) período. Dos respondentes, 43% estavam na faixa etária de 18 a 24 anos e, também 43%, disseram ter entre 25 e 35 anos. Além disso, 71% eram do sexo feminino e 29% masculino, 57% afirmaram ser brancos, 38% pardos, 62% eram solteiros e 29% casados.

Sobre a renda total da família desses respondentes, 28% disseram que estava entre um e dois salários mínimos; 29% entre dois e três; 24% entre três e cinco; 5% entre cinco e sete salários mínimos e 14% não informaram. Importa destacar que 38% afirmaram morar com

os pais; 33% com esposa(o), companheiro(a) e/ou com filhos; 9% sozinhos; e 5% com parentes ou com amigos e colegas. Além disso, 40% dos alunos disseram que moravam numa casa com quatro pessoas; 30% com três pessoas e 20% com apenas duas pessoas.

A saúde mental pode ser influenciada por muitos fatores, incluindo aspectos econômicos como a diminuição do poder de compra, fechamento de empresas, perda de empregos e redução de renda. Sendo assim, 7% afirmaram que a situação econômica foi drasticamente afetada, 14% foram muito afetados e 57% foram pouco afetados. Todos os alunos que afirmaram ter renda familiar menor que um salário mínimo responderam terem sido muito afetados pela pandemia, e 25% dos alunos que disseram ter renda entre um e dois salários mínimos foram drasticamente ou muito afetados pela atual situação sanitária. Isso leva a acreditar que a pandemia de covid-19 tem afetado as famílias mais pobres em maior grau do que as mais ricas. Santos (2020, p. 5) afirma que “os constrangimentos econômicos são bastante diferenciados entre os grupos. Eles têm sido mais fortes em quem menos possui e mais precisa”.

Os alunos também foram questionados a respeito da perda de emprego após o início da pandemia e sobre a possível redução de renda. Dos 71 participantes, 11% afirmaram que perderam o emprego, 16% responderam que já não trabalhavam e o restante disse que não houve alteração. Além disso, 34% afirmaram ter tido redução de renda após o início da pandemia. Desses, 5,8% tiveram a renda reduzida em mais de 75%; 2,9% entre 50% e 75%; 4,3% entre 30 e 50% e 14,5% tiveram menos de 10% de redução. Neste sentido, pode-se indicar que a pandemia trouxe uma alteração ao cenário formal e informal de trabalho, causando implicações na renda dos brasileiros. A queda acentuada do poder aquisitivo durante o período de pandemia, pode ter levado muitos sujeitos a sentirem que suas rendas eram insuficientes para a subsistência. Ao encontro dessa premissa, estudos indicam que o número de desempregados mostra apenas um lado da tragédia social que aprofundou as desigualdades em razão das reformas, da perda de direitos sociais e da crise sanitária provocada pela pandemia (GHIRALDELLI, 2021; MAURIEL, 2021).

Além dos problemas financeiros causados pela pandemia, a redução do contato social pode ter afetado substancialmente a condição psicológica dos alunos. Sendo assim, a Tabela 1 mostra os resultados da primeira coleta. Dos respondentes, 62% afirmaram ter tido mudança nas emoções, 77% disseram que ficaram mais tristes, mesmo que poucas vezes, e 58% tiveram vontade de chorar, sendo que desses, 23% afirmaram que isso ocorreu muitas vezes. Os resultados dialogam com Correia (2021), que aponta a tensão e a ansiedade como aspectos ligados à instabilidade emocional apresentada durante a pandemia por estudantes universitários que trabalham.

Tabela 1 - Percepção dos alunos sobre mudança nas emoções, tristeza e vontade de chorar após início da pandemia na primeira coleta

Pergunta	Não	Talvez	Sim	Sim, poucas vezes	Sim, algumas vezes	Sim, muitas vezes
Você notou alguma mudança em suas emoções depois que a pandemia começou?	25%	13%	62%			
Você se sente mais triste depois que a pandemia começou?	17%	6%		10%	39%	28%
Você teve vontade de chorar depois que a pandemia começou?	39%	3%		13%	22%	23%

Fonte: elaborada pelos autores, 2022.

Além disso, 53,5% afirmaram ter ficado mais agressivos, englobando aqueles que ficaram nessa condição poucas, algumas ou muitas vezes, e 33% afirmaram ter ficado muitas vezes estressados (GRÁFICO 1).

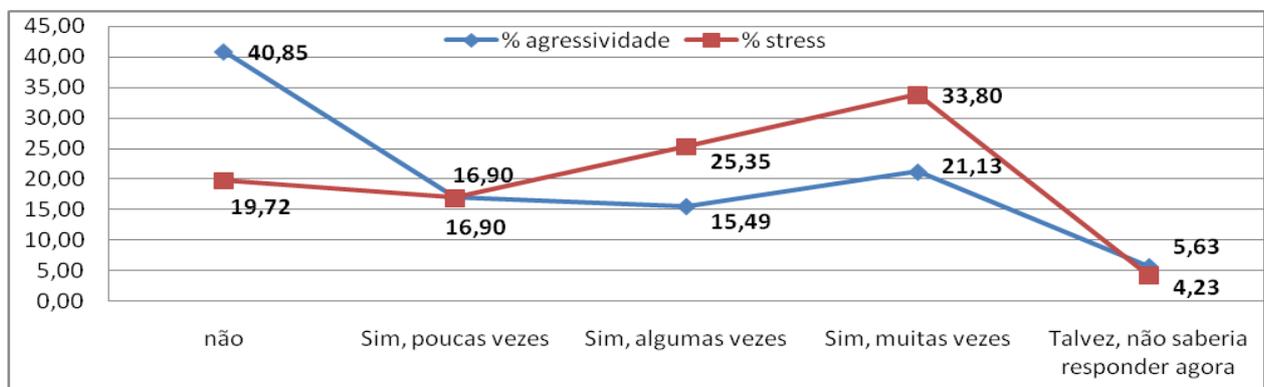


Gráfico 1 - Percepção dos alunos sobre agressividade e estresse após início da pandemia na primeira coleta

Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

Além da agressividade e do estresse, o sentimento de medo também foi recorrente. Nesse aspecto, entre os 71 respondentes da primeira coleta, 73% afirmaram ter tido medo de se contaminar, 10% talvez teriam medo e apenas 17% não tinham medo. Sobre a contaminação da família, 96% tinham medo e apenas 3% não. Por fim, 76% dos alunos tinham medo do que estaria por vir e 14% disseram que talvez teriam medo.

Outro sentimento comum durante a pandemia foi a solidão. A Tabela 2 mostra que a maioria dos alunos se sentia sozinho, ainda que poucas vezes, após o início da pandemia. Dos respondentes, 55% sentiam muita falta da companhia de amigos, 69% sentiam falta da rotina na universidade, apenas 1% afirmou que não sentia falta do contato com colegas e 95% sentiam falta do contato com os professores, sendo que 56% afirmaram sentir muita falta.

Tabela 2 - Percepção dos alunos sobre solidão, falta de companhia, falta da rotina e falta dos colegas e professores após início da pandemia na primeira coleta

Pergunta	Não	Talvez	Sim, poucas vezes	Sim, algumas vezes	Sim, muitas vezes
Você está se sentindo mais sozinho depois que a quarentena começou?	34%	4%	20%	25%	17%
Você sente falta de estar na companhia de amigos(as) e/ou pessoas próximas?	3%	7%	13%	23%	55%
Você sente falta da rotina de aulas e estudos no IF?	1%	1%	6%	23%	69%
Você sente falta do contato com os (as) colegas no IF?	1%	3%	10%	15%	70%
Você sente falta do contato com os (as) professores (as) no IF?	0%	4%	7%	32%	56%

Fonte: elaborada pelos autores, 2022.

Por fim, o Gráfico 2 mostra os resultados da primeira coleta quanto à implicação da pandemia aos atributos de felicidade, criatividade, tranquilidade e produtividade. A maioria dos alunos respondeu que não foi afetada nesses atributos questionados. Isso pode ser devido ao fato de que o isolamento motivou os alunos a se ocuparem em atividades diversas para evitar adoecimento. O atributo de criatividade também teve respostas positivas, indicando que podem ter sido afloradas atividades criativas no período de isolamento a fim de evitar o desconforto com o distanciamento social, por exemplo.

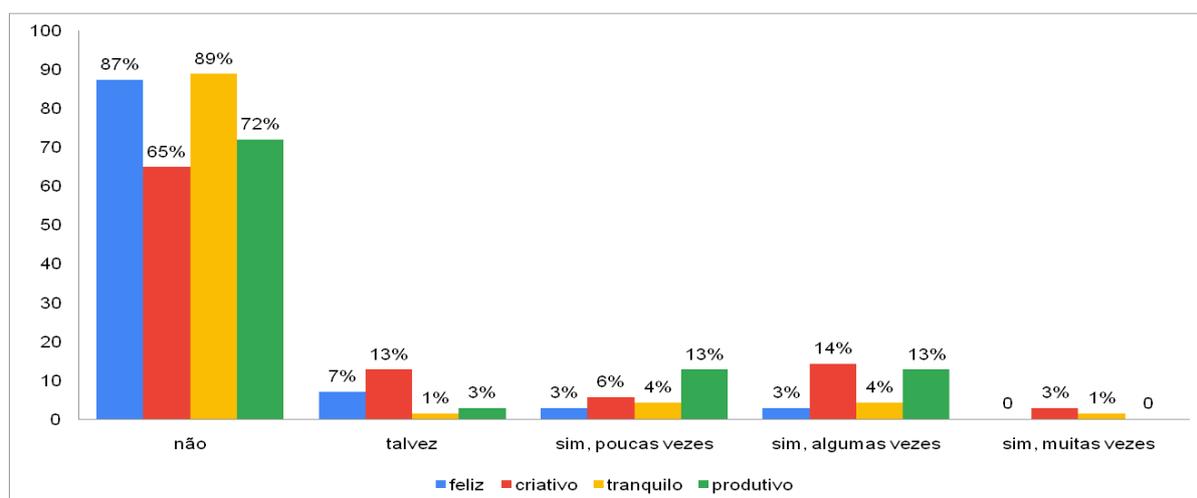


Gráfico 2 - Percepção dos alunos sobre felicidade, criatividade, tranquilidade e produtividade após início da pandemia na primeira coleta

Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

Para fins de comparação, a Tabela 3 mostra a percepção dos 21 alunos respondentes na segunda coleta sobre mudanças nas emoções, tristeza, vontade de chorar e solidão, decorrido mais de um ano da pandemia. Mesmo assim, 81% dos alunos ainda disseram ter notado mudanças nas emoções, 52% disseram ter ficado muitas vezes tristes e com vontade de chorar, e 28,6% disseram se sentir mais sozinhos, algumas ou muitas vezes, depois que a quarentena começou. Os resultados se aproximam de pesquisas realizadas com estudantes de outras áreas, como medicina, em que 62,8% dos pesquisados apresentaram indícios de sofrimento mental durante a pandemia, 83,8% se mostraram mais tensos, nervosos ou preocupados, 70,3% sentiram-se tristes, 50,5% afirmaram que se assustaram com facilidade e 41,3% choraram mais do que de costume (TEIXEIRA; COSTA; MATTOS, 2021).

Tabela 3 - Percepção dos alunos sobre mudança nas emoções, tristeza, vontade de chorar e solidão após início da pandemia na segunda coleta

Pergunta	Não	Talvez	Sim	Sim, poucas vezes	Sim, algumas vezes	Sim, muitas vezes
Você notou alguma mudança em suas emoções depois que a pandemia começou?	4,76%	14,29%	80,95%			
Você se percebe mais triste depois que a pandemia começou?	9,52%	0,00%		4,76%	33,33%	52,38%

Você teve vontade de chorar depois que a pandemia começou?	19,05%	4,76%	4,76%	19,05%	52,38%
Você está se sentindo mais sozinho depois que a quarentena começou?	33,33%	4,76%	33,33%	14,29%	14,29%

Fonte: elaborada pelos autores, 2022.

Os resultados aqui apresentados corroboram outras pesquisas já realizadas que apontam que a pandemia de covid-19 está tendo um grande impacto na saúde mental da população mundial e que uma atenção especial pode ser dada ao continente americano. Dito isso, destaca-se que “estudos mostram altas taxas de depressão e ansiedade, entre outros sintomas psicológicos, principalmente entre mulheres, jovens, pessoas com problemas de saúde mental pré-existentes, profissionais de saúde e indivíduos que vivem em condições vulneráveis” (SABIN, 2021, p. 01).

Os sistemas e serviços de saúde mental também foram severamente interrompidos. A falta de investimentos financeiros e de recursos humanos em serviços de saúde mental, a implementação limitada da abordagem descentralizada de cuidados baseados na comunidade e políticas para abordar a lacuna de saúde mental antes da pandemia contribuíram para a crise atual. Os países devem fortalecer urgentemente suas respostas à covid-19, implementando ações para ampliar a saúde mental e o apoio psicossocial em serviços disponíveis para todos, alcançando populações marginalizadas e em risco, como também reconstruindo melhores sistemas de saúde mental para o futuro (TAUSCH *et al.*, 2022, p. 1).

Sendo assim, espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para a efetividade de ações em prol da saúde mental. Compreendendo a saúde enquanto um conceito complexo, com espaços para a elaboração dos sentimentos que, apesar de indispensáveis, são apenas um dos tantos serviços que devem estar disponíveis aos estudantes. Com vistas a auxiliar toda a comunidade acadêmica, projetos multidisciplinares devem ser desenvolvidos considerando as desigualdades sociais, para que alunos com demandas significativas não sigam sendo invisibilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As situações de vulnerabilidade socioeconômicas presentes na realidade brasileira contribuem para o agravamento de fatores que interferem diretamente na condição de saúde dos universitários. Logo, pode-se afirmar que a pandemia de covid-19 não teve impactos apenas epidemiológicos ou econômicos, mas também tem intensificado a já existente crise de saúde mental em estudantes do ensino superior.

Ao analisar os efeitos da pandemia de covid-19 sobre a saúde mental dos estudantes de um Instituto Federal no sul do país, percebe-se que há implicações negativas presentes no campo educacional sobrepostas aos diferentes espaços da vida social. Com isso, houve prejuízos à saúde mental dos estudantes, que relataram mudanças nas emoções, com a ocorrência de momentos de tristeza, medo e solidão. Esses aspectos reforçam a importância do contato presencial entre membros da comunidade acadêmica como parte integrante do processo educativo. Desta forma, ainda que a pesquisa tenha sido feita em uma única instituição de ensino, sugere-se que há a necessidade de atenção à saúde emocional dos estudantes, não apenas nos cursos de Administração, mas na totalidade das instituições de ensino superior.

Intervenções psicológicas podem desempenhar papel importante para lidar com as implicações na saúde mental em decorrência da pandemia da covid-19. Em situações nas quais o atendimento presencial não for possível, o atendimento psicológico remoto torna-se um mecanismo para o acolhimento das questões de saúde mental, já que durante o período de pandemia foi autorizada a prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologias da informação. Também aumenta a importância do docente não só enquanto mediador do processo de ensinagem e aprendizagem, mas também como aquele que tem um olhar atento e humanizado para os desafios socioemocionais que os estudantes enfrentam, seja em um contexto de momentos síncronos e/ou assíncronos, seja no cotidiano das aulas presenciais.

Além disso, é imprescindível uma mobilização dos setores de apoio ao ensino das instituições para orientação e suporte aos alunos. É prudente alertá-los sobre a necessidade de: organização da rotina de atividades diárias; prática de atividades físicas; reserva de momentos para o lazer e para o fortalecimento da rede de apoio social. Também é importante considerar o cuidado necessário a quem também cuida, ou seja, o profissional da educação, aqui entendido como todo aquele que se envolve no processo de ensino e aprendizagem.

Entre as limitações da pesquisa aponta-se o quantitativo de respondentes e o foco em apenas uma área de formação. Contudo, entende-se que a falta de respostas também pode ser um dado que diz respeito à exaustão desses estudantes. Para futuras pesquisas, pode-se fazer uma coleta nacional que abarque diferentes instituições de ensino e diversos cursos, assim como se compare os resultados de antes, durante e depois da pandemia com esses públicos.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. *Saúde mental e atenção psicossocial*. 4. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013.

ARAÚJO, Francisco Jonathan; LIMA, Ligia Samara Abrantes; CIDADE, Pedro Ivo Martins; NOBRE, Camila Bezerra; ROLIM NETO, Modesto Leite. Impact of Sars-Cov-2 and its reverberation in global higher education and mental health. *Psychiatry research*, Amsterdam, v. 288, p. 112977, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112977>. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165178120307009?casa_token=BvQUdvBVc8sAAAAA:PDLxqT3a8iSm_t4HrdEDmmQ93RM1eXf4pKOAMqa6ZPiDgLLpAPgP-nF76MnyiYoQVvqbZXrix8Mz. Acesso em: 07 set. 2022.

BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 7. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

BARBOSA, Andre Machado; VIEGAS, Marco Antônio Serra; BATISTA, Regina Lucia Napolitano Felício Felix. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 255-280, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p255>. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/565>. Acesso em: 07 set. 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. ed. rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2009.

CARNEIRO, Leonardo; RODRIGUES, Waldecy; FRANÇA, George; PRATA, David Nadler. Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia covid-19. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista; v. 9, n. 8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5485>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5485>. Acesso em: 07 set. 2022.

CASAGRANDE, Edineia. *As propensões da evasão, no período da pandemia, no curso de Administração de uma faculdade privada do oeste do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

CORREIA, Inês Ferraz Sá. *Processos de resiliência em estudantes universitários que trabalham: estudo exploratório durante a pandemia covid-19*. 2021.

COSTA, Juliana Pessoa; JORGE, Maria Salete Bessa; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; COSTA, Edmara Chaves; HOLANDA, Ítala Thaise Aguiar. A reforma psiquiátrica e seus desdobramentos: representações sociais dos profissionais e usuários da atenção psicossocial. *Psicologia e Saber Social*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 35-45, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2016.15855>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/15855>. Acesso em: 07 set. 2022.

DONIDA, Giovana Chirinéia; PAVONI, Rafaella Ferrari; SANGALETTE, Beatriz Sobrinho; TABAQUIM, Maria de Lourdes Merighi; TOLEDO, Gustavo Lopes. Impacto do distanciamento social na saúde mental em tempos de pandemia da covid-19. *Brazilian Journal of Health Review*, São José dos Pinhais, v. 4, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-422>. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/28738>. Acesso em: 07 set. 2022.

FERTONANI, Hosanna Pattrig; PIRES, Denise Elvira Pires de; BIFF, Daiane; SCHERER, Magda Duarte. Modelo assistencial em saúde: conceitos e desafios para a atenção básica brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015206.13272014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZtnLRysBYTmdC9jw9wy7hKQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2022.

GAINO, Loraine Vivian; SOUZA, Jacqueline; CIRINEU, Cleber Tiago; TULIMOSKY, Talissa Daniele. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 108-116, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.149449>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/149449>. Acesso em: 07 set. 2022.

GHIRALDELLI, Reginaldo. Trabalho, reformas ultraliberais, desigualdades e pandemia no Brasil. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00326>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/W8rSX37Tgw9k7KTCKdFDkp/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2022.

GUNDIM, Vivian Andrade; ENCARNAÇÃO, Jhonatta Pereira da; SANTOS, Flávia Costa; SANTOS, Josenaide Engracia dos; VASCONCELLOS, Erika Antunes; SOUZA, Rozemere Cardoso de. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.37293>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/37293>. Acesso em: 07 set. 2022.

IDEC. Instituto de Defesa do Consumidor. *Acesso à internet residencial dos estudantes*. São Paulo: IDEC, 2021. Disponível em: https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec_pesquisa-acesso-internet_acesso-a-internet-residencial-dos-estudantes.pdf. Acesso em: 30 dez. 2021.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/k9KTBz398jqfvDLby3QjTHJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2022.

MAURIEL, Ana Paula Ornellas. Crise, pandemia e suas manifestações no Brasil. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, Cuiabá, v. 7, n. 12, p. 41-63, 2021. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/11605>. Acesso em: 07 set. 2022.

MENDES, René. Conceito de patologia do trabalho. In: MENDES, René (org.). *Patologia do trabalho*. São Paulo: Atheneu, v.1, p. 47-92, 2007.

MORALES, Victor; LOPEZ, Yanelixa América Frutos. Impactos da pandemia na vida acadêmica dos estudantes universitários. *Revista Angolana de Extensão Universitária*, Angola, v. 2, n. 3, p. 53-67, 2020. Disponível em: <https://portalpensador.com/index.php/RAEU-BENGO/article/view/205>. Acesso em: 07 set. 2022.

OMS – Organização Mundial da Saúde. *Constituição da Organização Mundial da Saúde* (OMS/WHO) - 1947. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/05-8-dia-nacional-da-saude>. Acesso em: 21 dez. 2021.

OMS – Organização Mundial da Saúde. *Saúde mental: fortalecendo nossa resposta*, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>. Acesso em: 21 dez. 2021.

PRATES, Jane Cruz. Refrações da crise sanitária, econômica e política no Brasil. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, e38839, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2020.1.38839>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/38839>. Acesso em: 07 set. 2022.

RIBEIRO, Lahanna da Silva; BRAGÉ, Émilly Giacomelli; RAMOS, Domênica Bossardi; FIALHO, Inara Rahde; VINHOLES, Daniele Botelho; LACCHINI, Annie Bisso. Efeitos da pandemia de covid-19 na saúde mental de uma comunidade acadêmica. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 34, 2021. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO03423>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/MK9sk5bjx8BqFNsFqMpXs5z/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2022.

SABIN, Albert. *Pandemia deteriora saúde mental nas Américas e deixa claro que assunto não pode mais ser negligenciado*. Albert Sabin News, Notícias, 10 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://albertsabin.com/pandemia-deteriora-saude-mental-nas-americas-e-deixa-claro-que-assunto-nao-pode-mais-ser-negligenciado>. Acesso em: 21 dez. 2021.

SALVAGNI, Julice; WOJCICHOSKI, Nicole; GUERIN, Marina. Desafios à implementação do ensino remoto no ensino superior brasileiro em um contexto de pandemia. *Educação por escrito*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, e38898, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2020.2.38898>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/38898>. Acesso em: 05 set. 2022.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Mariádel Baptista. *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: Penso, 2013.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. Covid-19, causas fundamentais, classe social e território. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00280>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/SHD6bj9xgZQvbHGgycCTyJN/?lang=pt>. Acesso em 20 out. 2022.

SCHMIDT, Beatriz; CREPALDI, Maria Aparecida; BOLZE, Simone Dill Azeredo; NEIVA-SILVA, Lucas; DEMENECH, Lauro Miranda. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (covid-19). *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/>. Acesso em: 05 set. 2022.

SILVA, Andrey Ferreira da; ESTRELA, Fernanda Matheus; LIMA, Nayara Silva; ABREU, Carlos Tibúrcio de Araújo. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300216>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/yx7V4TkBTMGZdthMQmyQy7R/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2022.

SUNDE, Rosário Martinho. Impactos da pandemia da covid-19 na saúde mental dos estudantes universitários. *PSI UNISC*, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 2, p. 33-46, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i2.16348>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/16348>. Acesso em: 05 set. 2022.

TAUSCH, Amy; SOUZA, Renato Oliveira; VICIANA, Carmem Martinez; CAYETANO, Claudina; BARBOSA, Jarbas; HENNIS, Anselm J. M. Strengthening mental health responses to covid-19 in the Americas: a health policy analysis and recommendations. *The Lancet Regional Health- Americas*, Miami, v. 5, p. 100118, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2021.100118>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667193X21001149>. Acesso em: 05 set. 2022.

TEIXEIRA, Larissa de Araújo Correia; COSTA, Ricardo Alves; MATTOS, Roberta Machado. Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da corona vírus disease 2019. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 70, p. 21-29, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000315>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/yjxwLdpJ6q5CJCpPNxKr5R/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 05 set. 2022.

WU, Di; WU, Tiantian; LIU, Qun; YANG, Zhicong. The SARS-CoV-2 outbreak what we know. *International Journal of Infectious Diseases*, Netherlands, v. 94, p. 44-48, March, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2020.03.004>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1201971220301235>. Acesso em: 05 set. 2022.

Renato Koch Colomby

Doutor e Mestre em Administração na área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS). Possui graduação concluída em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e graduação em andamento no curso de Psicologia. Docente no Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Palmas.

renato.colomby@gmail.com

Taíse Fátima Mattei

Doutora em Teoria Econômica pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá. Mestra em Gestão e Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bacharela em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora colaboradora na UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão.

taise_mattei_slo@hotmail.com

Francieli de Assunção

Psicóloga pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), formada em Magistério pelo Instituto de Educação General Flores da Cunha. Integrante do NEPT – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Organizações e Pessoas. Tem como interesses de pesquisa as temáticas ligadas ao suicídio, à formação em psicologia e à psicologia da educação.

assuncao.francieli@gmail.com

Julice Salvagni

Professora adjunta no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Estudos Organizacionais. Credenciada no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Sociologia (UFRGS). Mestre em Ciências Sociais e Psicóloga pela Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

julicesalvagni@gmail.com